

entretempos

carolina martinez

texto Catarina Duncan

GALERIA
MARILIA
RAZUK

“Depois do nosso encontro retomei a leitura da biografia da Hilma af Klimt e me deparei com uma frase que lembra um pouco a sensação que tenho ao criar as arquiteturas em meu trabalho. Vou dividir aqui com você, veja o que acha: “A face secreta do mundo, aquilo que se sentia em um sonho e se esquecia ao acordar.”¹ O contexto é esta busca pelo inconsciente, espiritual e invisível. E também a sensação de viver algo físico dentro de um sonho que é difícil de descrever e muitas vezes esquecemos, ficando apenas o sentimento.”

Carolina Martinez - enviado em 12 de março de 2026

Em “Entretempos”, Carolina Martinez constrói uma experiência em que arquitetura, cor e matéria operam como dispositivos de percepção. Suas pinturas, esculturas e instalações deslocam nossa relação com os espaços que habitamos. Entre planos cromáticos, estruturas suspensas e intervalos silenciosos, a artista elabora territórios que provocam memórias coletivas.

A pesquisa de Carolina parte da compreensão de que os espaços nunca são neutros. Há uma dimensão invisível que atravessa a experiência física dos ambientes — uma espécie de camada afetiva e psíquica que antecede a linguagem. A cor, em sua obra, aparece como campo estrutural e sensorial: ela organiza o espaço, altera sua temperatura emocional e produz estados de suspensão perceptiva. Os trabalhos instauram um tempo expandido, um intervalo entre o mundo concreto e aquilo que escapa à nomeação.

Nesse sentido, “Entretempos” nos aproxima de uma experiência onírica e sugere um estado de intervalo — um espaço temporal suspenso que não pertence inteiramente ao passado, ao presente e nem ao futuro. A palavra carrega a ideia de algo que acontece nos interstícios: entre durações, entre ritmos, entre experiências conscientes e aquilo que ainda não ganhou forma clara.

Há nas obras a tentativa de tornar visível algo da ordem do inconsciente, do espiritual e daquilo que frequentemente se dissolve ao despertar, como nos

conta a artista em um relato durante o desenvolvimento do trabalho: a lembrança imprecisa de um sonho, uma sensação corporal difícil de traduzir, um vestígio emocional que permanece sem imagem definida.

A exposição também dialoga com uma tradição latino-americana em que cor, espaço e corpo se articulam como experiência sensorial. Assim como em certas arquiteturas de Luis Barragán ou nos ambientes imersivos de Hélio Oiticica, a percepção envolve deslocamento, duração, presença e afeto. A geometria deixa de ser racional para tornar-se atmosfera. A abstração converte-se em experiência. Hélio Oiticica escrevia sobre a necessidade de superar o quadro como superfície óptica para alcançar uma experiência “suprasensorial”, onde cor, espaço e duração fossem vividos integralmente.

As obras de Carolina Martinez existem nesse estado intermediário — entre tempos, entre espaços, entre consciência e sonho. São construções que não buscam representar o mundo, mas ativar aquilo que nele permanece invisível: as emoções silenciosas produzidas pelos lugares, as reverberações íntimas da cor, os modos sutis pelos quais os ambientes nos transformam continuamente.

Em “Entretempos”, Carolina Martinez cria espaços de travessia: ambientes em que a matéria se torna sensação e onde o invisível encontra, por instantes, uma forma possível.

¹ Sublinhado por Hilma af Klimt em seus cadernos pessoais (originalmente por Dr. Uno Helleday).